

14 JUN 1989

Coisas da política

Desculpe qualquer coisa

Ricardo Noblat

O presidente José Sarney começou a governar pedindo desculpas aos brasileiros por não se ter preparado para governar. Deixará o poder em março do próximo ano pedindo desculpas por não ter sabido governar. Na manhã de ontem, ao recepcionar estagiários da Escola Superior de Guerra, o presidente rezou um ato de contrição por ter pecado em pensamento, palavras e obras. Pecou, também, por omissão.



“Nós fomos incapazes, nesse período mais recente, de construir sólidas estruturas políticas que fossem capazes de operar o poder democrático no momento de transição e oferecer ao país um projeto de construção nacional em termos do novo caminho que se apresentava das conquistas democráticas”, reconheceu o presidente da República. Curioso. À medida que o governo chega ao fim, piora até a qualidade dos discursos.

“Tivemos, por outro lado, também, a incapacidade de manter a presença de um Estado que fosse e que tivesse condições de oferecer às camadas mais pobres respostas às suas necessidades”, admitiu Sarney. Ele lembrou aos estagiários da ESG a pergunta que formulou, há mais de dois anos, ao sociólogo Hélio Jaguaribe: “Por que temos um país que é a sétima economia do mundo e temos índices sociais de níveis que nos comparam aos países mais pobres de toda a África?” Jaguaribe respondeu à pergunta.

↳ Não adiantou muito a resposta que deu — Sarney não quis, não pôde ou não soube alterar o perverso quadro social que herdou dos governos passados. “O Estado brasileiro se encontra numa situação difícil e aí está toda a crise nacional. Enquanto a sociedade, as estruturas econômicas funcionam, extraordinariamente bem (...), o Estado brasileiro “está, cada vez mais, debilitado”. O presidente disse como.

“A receita fiscal do país é de 9,64% do PIB. Dai nós temos transferências a estados e municípios que representam, por parte da União, 2,63% do PIB”, contou Sarney. “Temos transferências ao Sistema de Previdência e Assistência Social de 0,03%. Ficamos

com uma receita líquida de 6,98% do PIB. Pagamos de juros internos 1,03%. De juros externos, 1,35%. E temos uma receita líquida para toda a atividade do Estado de 4,59%.”

Dos 4,59%, a rubrica destinada a encargos com pessoal engole 3,92%. Sobra 0,67% para que o Estado aplique “em todas as suas responsabilidades de infraestrutura e todos os seus deveres”. O presidente não quis, ou não teve fôlego, para se estender sobre as razões que contribuíram para a falência do Estado. O ato de contrição que produziu teve seu limite. Não o levou a examinar sua parte de culpa pela situação criada.

De pouco vale a desculpa de que assumiu o poder nas circunstâncias conhecidas e de que, por isso, não estava preparado para exercê-lo. Vice-presidente substituiu o presidente em seus impedimentos eventuais — e o sucede em caso de impedimento definitivo. Não parece descabido que se lhe peça que esteja preparado para assumir o cargo por alguns dias ou até o final do mandato. Sarney não estava preparado para coisa alguma.

As forças políticas que o elegeram, e a Tancredo Neves, também não estavam preparadas para ajudá-lo a governar ou para governar com ele. O consenso obtido para revogação do autoritarismo implantado no país em 64 não sobreviveu à missa de trigésimo dia pela morte do presidente que não assumiu. O poder encarnado por Sarney careceu de legitimidade política. A legitimidade obtida com o Plano Cruzado durou pouco.

Foi pelo ralo com o fracasso do plano. Desde então, o governo entrou em parafuso e agiu por meio de espasmos. Liquidez-se sua base parlamentar — que só tornou a dar sinal de vida por ocasião da definição do mandato de cinco anos. O que depende da atuação direta da administração federal funcionou mal — e tende a funcionar pior até março. A aliança política montada para sustentar o governo chegou destrocada à sucessão.

Somente a oposição ao governo tem chances de eleger o próximo presidente da República. O deputado Ulysses Guimarães dá saltos triplos para demonstrar que não é governo e que desde há muito se distanciou dele. Sarney só reteve a capacidade de fazer o mal aos candidatos. Pela proximidade com qualquer um deles é capaz de derrubá-lo. O fecho desse período infeliz poderá vir a ser a eleição de Collor de Mello. A obra estará completada.

14 JUN 1989